

STENDHAL

A cartuxa de Parma

Tradução de
ROSA FREIRE D'AGUIAR

Introdução de
JOHN STURROCK

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução © 2006 by John Sturrock

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
La chartreuse de Parme

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

MAPA DAS PP. 22 E 23
Sônia Vaz

PREPARAÇÃO
Silvia Massimini Felix

REVISÃO
Huendel Viana
Renata Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stendhal, 1783-1842.

A cartuxa de Parma / Stendhal ; tradução de Rosa Freire d'Aguiar ; introdução de John Sturrock . — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

Título original: La chartreuse de Parme.
ISBN 978-85-63560-38-4

1. Romance francês I. Sturrock, John. II. Título

11-14886

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura francesa 843

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução	7
------------------	---

A CARTUXA DE PARMA

LIVRO I

Advertência	29
1 Milão em 1796	31
2	47
3	70
4	89
5	112
6	137
7	179
8	199
9	216
10	226
11	234
12	260
13	276

LIVRO II

14	307
15	329
16	347
17	365
18	381
19	402

20	421
21	447
22	469
23	489
24	512
25	533
26	554
27	572
28	588

<i>Cronologia</i>	607
-------------------	-----

LIVRO I

Advertência

Foi no inverno de 1830 e a trezentas léguas de Paris que esta novela foi escrita; portanto, não há nenhuma alusão aos acontecimentos de 1839.

Muitos anos antes de 1830, no tempo em que nossos exércitos percorriam a Europa, o acaso me deu um boleto para a casa de um cônego: foi em Pádua, cidade encantadora da Itália; como a temporada se prolongou, tornamo-nos amigos.

Passando de novo em Pádua no fim de 1830, corri à casa do bom cônego: ele tinha morrido, eu sabia, mas queria rever o salão em que havíamos passado tantas noites agradáveis e, desde então, muitas vezes lembradas. Encontrei o sobrinho do cônego e a mulher desse sobrinho, que me receberam como a um velho amigo. Algumas pessoas apareceram e só nos separamos muito tarde; o sobrinho mandou vir do Café Pedroti um excelente zabaione. O que nos fez ficar acordados, sobretudo, foi a história da duquesa Sanseverina à qual alguém fez alusão, e que o sobrinho aceitou contar do início ao fim, em minha homenagem.

— No país para onde eu vou — disse a meus amigos — não encontrarei noites como esta, e para passar as longas horas noturnas escreverei uma novela com sua história.

— Nesse caso — disse o sobrinho — vou lhe dar os anais de meu tio, que, no artigo Parma, menciona algu-

mas intrigas dessa corte, da época em que a duquesa ali mandava e desmandava; mas tome cuidado! Essa história é tudo menos moral, e agora que na França vocês se gabam de uma pureza evangélica, ela pode lhe trazer fama de assassino.

Publico esta novela sem nada mudar do manuscrito de 1830, o que pode ter dois inconvenientes.

O primeiro, para o leitor: como os personagens são italianos, talvez lhe interessem menos, pois os corações daquele país diferem bastante dos corações franceses; os italianos são sinceros, boas pessoas, e não amedrontados, dizem o que pensam; é só num acesso que exibem a vaidade; e então ela se torna paixão e toma o nome de *puntiglio*.^{*} Por último, entre eles a pobreza não é vista como ridícula.

O segundo inconveniente é relativo ao autor.

Confesso que tive o atrevimento de deixar aos personagens as asperezas de seu caráter; mas, em compensação, declaro-o abertamente, despejo a reprimenda mais moral sobre muitas de suas ações. Para que lhes conferir a alta moralidade e as graças dos caracteres franceses, que gostam, acima de tudo, do dinheiro e não cometem pecados por ódio ou por amor? Os italianos desta novela são mais ou menos o contrário. Aliás, parece-me que toda vez que avançamos duzentas léguas desde o sul da França para o norte, há lugar tanto para uma nova paisagem como para um novo romance. A amável sobrinha do cônego conhecera a duquesa Sanseverina, e até gostava muito dela, e me pede para nada mudar em suas aventuras, que são repreensíveis.

23 de janeiro de 1839.

^{*} Questão de honra. [Esta e todas as demais notas chamadas por asterisco são da tradutora.]

I

MILÃO EM 1796

No dia 15 de maio de 1796, o general Bonaparte fez sua entrada em Milão à frente desse jovem exército que acabava de passar pela ponte de Lodi e de comunicar ao mundo que, depois de tantos séculos, César e Alexandre tinham um sucessor. Os milagres de bravura e de gênio que a Itália testemunhara em poucos meses despertaram um povo adormecido; ainda oito dias antes da chegada dos franceses, os milaneses só os viam como uma corja de bandidos, acostumados a sempre fugir diante das tropas de Sua Majestade Imperial e Real: era, ao menos, o que lhes repetia três vezes por semana um jornaleco do tamanho de uma mão, impresso em papel sujo.

Na Idade Média, os lombardos republicanos tinham dado provas de uma bravura igual à dos franceses, e mereceram ver sua cidade inteiramente destruída pelos imperadores da Alemanha. Desde que tinham se tornado *súditos fiéis*,* o grande negócio deles era imprimir sonetos em lencinhos de tafetá cor-de-rosa por ocasião do casamento de uma moça que pertencesse a uma família nobre ou rica. Dois ou três anos depois desse grande momento de sua vida, a moça pegava um *chevalier servant*: às vezes o nome do chichisbéu escolhido pela família do

* Esta e várias outras palavras e expressões em itálico seguem o texto original.

marido ocupava um lugar de honra no contrato de casamento. Estavam longe desses costumes efeminados as profundas emoções provocadas pela chegada imprevista do exército francês. Logo surgiram costumes novos e apaixonados. Um povo inteiro percebeu, no dia 15 de maio de 1796, que tudo o que respeitara até então era sumamente ridículo e às vezes odioso. A partida do último regimento da Áustria marcou a queda das ideias antigas: arriscar a própria vida tornou-se moda; viu-se que, depois de séculos de sensações insípidas, para ser feliz era preciso amar a pátria com amor verdadeiro e buscar ações heroicas. Estavam todos mergulhados numa noite profunda devido à continuação do despotismo zeloso de Carlos v e de Filipe II; derrubaram suas estátuas, e de repente se viram inundados de luz. Fazia uns cinquenta anos, e mais ainda à medida que a *Encyclopédie* e Voltaire estouravam na França, que os monges bradavam ao bom povo de Milão que aprender a ler ou a fazer qualquer coisa no mundo era um esforço de todo inútil, e que, pagando corretamente o dízimo a seu cura e lhe contando fielmente todos os seus pecadilhos, tinha-se mais ou menos a certeza de obter um lindo lugar no paraíso. Para irritar de vez esse povo outrora tão terrível e tão argumentador, a Áustria lhe vendera barato o privilégio de não mais fornecer recrutas a seu exército.

Em 1796, o exército milanês se compunha de vinte e quatro patifes vestidos de vermelho, que guardavam a cidade em comum acordo com quatro magníficos regimentos de granadeiros húngaros. A liberdade de costumes era extrema, mas a paixão, muito rara: aliás, além do desprazer de ter de contar tudo ao cura, sob pena de ruína neste próprio mundo, o bom povo de Milão ainda era submetido a certos pequenos entraves monárquicos que não deixavam de ser vexatórios. Por exemplo, o arquiduque, que residia em Milão e governava em nome do imperador, seu primo, tivera a lucrativa ideia de co-

mandar o comércio do trigo. Por conseguinte, houve a proibição aos camponeses de venderem seus grãos até que Sua Alteza tivesse enchido os próprios armazéns.

Em maio de 1796, três dias depois da entrada dos franceses, um jovem pintor miniaturista, meio louco, chamado Gros,* célebre desde então, e que viera com o exército, ouvindo contar no grande Café Servi (então na moda) as façanhas do arquiduque, que para completar era enorme, pegou a lista dos sorvetes impressa numa folha de papel pardo ordinário. No verso da folha desenhou o gordo arquiduque; um soldado francês lhe dava um golpe de baioneta na barriga, e em vez de sangue dali saía uma quantidade incrível de trigo. Essa coisa chamada de pilhéria ou caricatura não era conhecida nesse país de despotismo cauteloso. O desenho deixado por Gros em cima da mesa do Café Servi pareceu um milagre caído do céu; foi gravado durante a noite e no dia seguinte o venderam a vinte mil exemplares.

No mesmo dia, afixaram o aviso de uma contribuição de guerra de seis milhões, lançada para as necessidades do exército francês, o qual, acabando de vencer seis batalhas e conquistar vinte províncias, necessitava apenas de sapatos, calças, casacos e chapéus.

Tão imensos foram a felicidade e o prazer que irromperam na Lombardia com esses franceses tão empobrecidos que só os padres e alguns nobres perceberam o peso dessa contribuição de seis milhões, que, breve, foi seguida por muitas outras. Aqueles soldados franceses riam e cantavam o dia todo; tinham menos de vinte e cinco anos e seu general em chefe, que tinha vinte e sete, passava por ser o homem mais idoso do exército. Essa alegria, essa juventude, essa despreocupação, respondiam de um jeito divertido às prédicas furibundas

* Antoine-Jean Gros (1771-1835), pintor romântico, autor de vários retratos de Napoleão.

dos padres que, havia seis meses, anunciavam do alto do púlpito sagrado que os franceses eram monstros, obrigados, sob pena de morrerem, a tudo queimar e a cortar a cabeça de todos. Para isso, cada regimento marchava com a guilhotina à frente.

Nos campos, via-se na porta das cabanas o soldado francês ocupado em ninar o bebê da dona da casa, e quase toda noite algum tambor, tocando violino, improvisava um baile. Como as contradanças eram elaboradas e complicadas demais para que os soldados, que aliás não as sabiam, conseguissem ensiná-las às mulheres da terra, eram estas que mostravam aos jovens franceses *la monferrina*, *la saltarella* e outras danças italianas.

Os oficiais tinham sido alojados, tanto quanto possível, nas casas dos ricos; estavam mais que precisando se recuperar. Por exemplo, um tenente chamado Robert recebeu seu boleto para o palácio da marquesa Del Don-go. Esse oficial, jovem recruta muito lépido, possuía como único bem, ao entrar naquele palácio, um escudo de seis francos que acabava de receber em Piacenza. Depois da passagem pela ponte de Lodi, pegou de um belo oficial austríaco morto por bala de canhão umas magníficas calças de nanquim novas em folha, e nunca uma roupa veio mais a calhar. Suas dragonas de oficial eram de lã, e o tecido do forro das mangas da túnica estava costurado para que os pedaços se mantivessem unidos; mas havia uma circunstância mais triste: as solas de seus sapatos eram de pedaços de um chapéu igualmente capturado no campo de batalha, mais para lá da ponte de Lodi. Essas solas improvisadas estavam presas na parte de cima dos sapatos por barbantes bem visíveis, de modo que, quando o mordomo da casa se apresentou no quarto do tenente Robert para convidá-lo a jantar com a senhora marquesa, este caiu num constrangimento mortal. Seu ordenança e ele passaram as duas horas que os separavam desse jantar fatal tentando recosturar um pouco a farda e tingir

de preto, com tinta de escrever, os pobres barbantes dos sapatos. Finalmente, chegou o momento terrível. “Nunca na vida me senti mais constrangido”, disse-me o tenente Robert, “aquelas damas pensavam que eu ia amedrontá-las, e eu estava tremendo mais que elas. Olhava para meus sapatos e não sabia como andar com certa graça. A marquesa Del Dongo”, acrescentou, “estava então em todo o brilho de sua beleza: o senhor a conheceu, com seus olhos tão bonitos e uma doçura angelical, e seus lindos cabelos louros escuros que desenhavam tão bem o oval daquele rosto encantador. Eu tinha no meu quarto uma *Herodiades*, de Leonardo da Vinci, que parecia o retrato dela. Deus quis que eu ficasse tão impressionado com aquela beleza sobrenatural que esqueci minha roupa. Fazia dois anos que só via coisas feias e miseráveis nas montanhas da região de Gênova: ousei lhe dirigir umas palavras sobre meu deslumbramento.

“Mas meu bom senso era muito grande para que eu me prolongasse nesse gênero congratulatório. Enquanto compunha minhas frases, vi, numa sala de jantar toda de mármore, doze lacaios e criados de quarto vestidos com o que me parecia então o máximo da magnificência. Imagine que aqueles pilantras tinham não só bons sapatos, mas fivelas de prata. Eu observava de soslaio todos aqueles olhares estúpidos fixados na minha roupa, e talvez também nos meus sapatos, o que me trespassava o coração. Poderia, com uma só palavra, amedrontar toda aquela gente; mas como pô-la em seu lugar sem correr o risco de assustar as damas? Pois para se dar um pouco de coragem, como me disse cem vezes desde então, a marquesa mandara trazer do convento, onde na época era pensionista, Gina del Dongo, irmã de seu marido, a qual foi, mais tarde, essa encantadora condessa Pietranner: ninguém na prosperidade a superou em alegria e espírito amável, como ninguém a superou na adversidade em coragem e serenidade de alma.

“Gina, que na época podia ter treze anos, mas aparentava dezoito, era viva e franca, como o senhor sabe, e teve tanto medo de cair na risada por causa de meu traje que não ousou comer; a marquesa, ao contrário, me cobria de cortesias constrangidas; via muito bem em meus olhos gestos de impaciência. Em suma, eu estava parecendo uma triste figura, e ruminava o desprezo, coisa que dizem ser impossível num francês. Finalmente, uma ideia caída do céu veio me iluminar: comecei a contar àquelas damas minha miséria e o que tínhamos sofrido nos últimos dois anos nas montanhas da região de Gênova, onde nos retinham velhos generais imbecis. Lá, dizia eu, nos davam *assignats** que não tinham curso na região, e três onças de pão por dia. Eu não falara dois minutos e a boa marquesa já estava com lágrimas nos olhos, enquanto Gina ficou séria.

— Como, senhor tenente! — ela me disse. — Três onças de pão!

— Sim, senhorita; mas, em compensação, três vezes por semana falhava a distribuição, e como os camponeses que nos alojavam eram ainda mais miseráveis que nós, dávamos a eles um pouco de nosso pão.

“Saíndo da mesa, ofereci o braço à marquesa até a porta do salão, e em seguida, voltando atrás rapidamente, dei ao doméstico que me servira à mesa aquele único escudo de seis francos, sobre cujo emprego eu construía tantos castelos no ar.”

“Uma semana depois”, continuou Robert, “quando ficou bem estabelecido que os franceses não guilhotinavam ninguém, o marquês Del Dongo voltou de seu castelo de Griante, no lago de Como, onde bravamente se refugiara diante da aproximação do exército, aban-

* Promissórias emitidas pela primeira vez em 1790, pelo governo revolucionário, e cuja garantia eram os bens nacionais. Desvalorizaram-se muito nos anos seguintes.

donando aos acasos da guerra sua jovem mulher tão bela e sua irmã. O ódio que esse marquês tinha por nós era igual a seu medo, isto é, incomensurável: era divertido ver seu gordo rosto pálido e devoto quando ele me fazia cortesias. No dia seguinte de seu regresso a Milão, recebi três varas de tecido e duzentos francos, da contribuição militar dos seis milhões: reequilibrei minhas finanças e tornei-me o cavalheiro dessas damas, pois os bailes começaram.”

A história do tenente Robert foi mais ou menos a de todos os franceses; em vez de debocharem da miséria desses valentes soldados, tiveram pena deles, gostaram deles.

Essa época de felicidade imprevista e de embriaguez só durou dois curtos anos; a loucura fora tão excessiva e tão generalizada que me seria impossível dar uma ideia dela, a não ser por essa reflexão histórica e profunda: fazia cem anos que aquele povo se entediava.

A volúpia natural dos países meridionais reinara outrora na corte dos Visconti e dos Sforza, esses famosos duques de Milão. Mas, desde o ano de 1624, quando os espanhóis se apoderaram da província de Milão, e se apoderaram como senhores taciturnos, desconfiados, orgulhosos e sempre temendo a revolta, a alegria desaparecera. Os povos, adotando os costumes de seus senhores, pensavam mais em se vingar do menor insulto com uma punhalada que em desfrutar o momento presente.

A louca alegria, o júbilo, a volúpia, o esquecimento de todos os sentimentos tristes, ou somente sensatos, chegaram a tal ponto, desde o dia 15 de maio de 1796, quando os franceses entraram em Milão, até abril de 1799, quando foram expulsos da cidade em seguida à batalha de Cassano, que houve até mesmo velhos comerciantes milionários, velhos usurários e velhos tabeliães que, nesse meio-tempo, esqueceram de ser soturnos e de ganhar dinheiro.

Teria sido possível contabilizar, no máximo, umas poucas famílias da alta nobreza que haviam se retirado

para seus palácios no campo, como para mostrar seu amuo diante do júbilo geral e do desafogo de todos os corações. Também é verdade que essas famílias ricas e nobres tinham sido distinguidas de um modo nada simpático na partilha das contribuições de guerra exigidas pelo exército francês.

O marquês Del Dongo, contrariado por ver tanta alegria, fora um dos primeiros a voltar para seu magnífico castelo de Griante, mais adiante de Como, para onde as damas levaram o tenente Robert. Esse castelo, numa localização talvez única no mundo, sobre um planalto de cento e cinquenta pés acima do lago sublime do qual domina uma grande parte, fora uma praça-forte. A família Del Dongo o mandou construir no século xv, como testemunhavam por toda parte os mármores com suas armas gravadas; ali ainda se viam pontes levadiças e fossos profundos, na verdade sem água; mas, com esses muros de oitenta pés de altura e seis pés de espessura, o castelo estava ao abrigo de uma investida; e era por isso que o desconfiado marquês o apreciava tanto. Cercado por vinte e cinco ou trinta domésticos que ele supunha devotados, aparentemente porque jamais lhes dirigia a palavra senão com injúrias na boca, ali era menos atormentado pelo medo que em Milão.

Esse medo não era de todo gratuito: o marquês se correspondia muito ativamente com um espião instalado pela Áustria na fronteira suíça, a três léguas de Griante, para conseguir que os prisioneiros feitos no campo de batalha se evadissem, o que poderia ser levado a sério pelos generais franceses.

O marquês deixara sua jovem esposa em Milão: ali ela dirigia os negócios da família e se encarregava de pagar as contribuições impostas à *Casa del Dongo*, como se diz na terra; tentava diminuí-las, o que a obrigava a ver aqueles nobres que tinham aceitado funções públicas, e até mesmo alguns não nobres mas muito influen-

tes. Ocorreu um grande acontecimento nessa família. O marquês tinha arranjado o casamento de sua jovem irmã Gina com um personagem muito rico e da mais alta estirpe; mas ele usava pó nos cabelos, o que levava Gina a recebê-lo às gargalhadas, e em breve cometeu a loucura de se casar com o conde Pietranera. Na verdade, era um excelente gentil-homem, muito bem-apessoado, mas arruinado de pai para filho e, para cúmulo da desgraça, impetuoso partidário das ideias novas. Pietranera era subtenente na legião italiana, o que aumentava o desespero do marquês.

Depois desses dois anos de loucura e felicidade, o Diretório* de Paris, dando-se ares de soberano bem estabelecido, mostrou um ódio mortal por tudo o que não era medíocre. Os generais ineptos que ele deu ao exército da Itália perderam uma série de batalhas naquelas mesmas planícies de Verona, testemunhas, dois anos antes, dos prodígios de Arcole e de Lonato. Os austríacos se aproximaram de Milão; o tenente Robert, agora chefe de batalhão e ferido na batalha de Cassano, foi se alojar pela última vez na casa de sua amiga, a marquesa Del Dongo. As despedidas foram tristes; Robert partiu com o conde Pietranera, que seguia os franceses em sua retirada para Novi. A jovem condessa, cuja parte da herança seu irmão se negou a pagar, seguiu o exército aboletada numa carroça.

Então começou essa época de reação e de regresso das ideias antigas, que os milaneses chamavam *i tredici mesi* (os treze meses), porque de fato quis a sorte deles que essa volta à cretinice só durasse treze meses, até Marengo. Tudo quanto era velho, devoto, sombrio, reapareceu à frente dos negócios e retomou a direção da

* Período de transição, de outubro de 1795 a novembro de 1799, entre os primeiros anos pós-revolucionários e o golpe de Estado de Napoleão.

sociedade: logo as pessoas que tinham se mantido fiéis às boas doutrinas espalharam nas aldeias que Napoleão fora enforcado pelos mamelucos no Egito, como o merecia por tantas razões.

Entre aqueles homens que tinham ido para suas terras a fim de demonstrar sua contrariedade e que voltavam sedentos de vingança, o marquês Del Dongo se distinguia pelo furor; seu exagero o levou naturalmente à frente do partido. Esses senhores, pessoas muito honradas quando não tinham medo, mas que continuavam a tremer, conseguiram manipular o general austríaco; bom sujeito, ele se deixou convencer de que a severidade era alta política e mandou prender cento e cinquenta patriotas: era, na época, o que havia de melhor na Itália.

Logo foram deportados para as Bocche di Cattaro* e jogados nas grutas subterrâneas, onde a umidade e, sobretudo, a falta de pão fizeram pronta e boa justiça a todos esses vagabundos.

O marquês Del Dongo ganhou uma grande praça, e, como juntava a avareza sórdida a uma profusão de outras belas qualidades, gabou-se publicamente de não enviar um só escudo à irmã, a condessa Pietranera: ainda louca de amor, ela não queria largar o marido e morria de fome na França, junto com ele. A boa marquesa estava desesperada; finalmente conseguiu roubar uns diamantezinhos do escrínio, que o marido lhe retomava todas as noites para trancá-lo dentro de uma caixa de ferro, embaixo da cama: a marquesa levava oitocentos mil francos de dote para o marido, e recebia oitenta francos por mês para suas despesas pessoais. Durante os treze meses que os franceses passaram fora de Milão, essa mulher tão tímida encontrou pretextos para só se vestir de preto.

* Fiorde do mar Adriático, na costa de Montenegro, usado como colônia penal.

Confessaremos que, seguindo o exemplo de muitos autores circunspectos, começamos a história de nosso herói um ano antes de seu nascimento. Esse personagem essencial não é outro, na verdade, senão Fabrice Valserra, *marchesino* Del Dongo, como se diz em Milão.¹ Justamente, ele acabava de se dar ao trabalho de nascer quando os franceses foram expulsos, e era, pelo acaso de seu nascimento, o segundo filho desse marquês Del Dongo tão *grand seigneur*, e de quem vocês já conhecem o gorro do rosto pálido, o sorriso falso e o ódio sem limites das ideias novas. Toda a fortuna da casa era, por substituição, do filho mais velho, Ascanio del Dongo, digno retrato do pai. Ele tinha oito anos, e Fabrice dois, quando de repente aquele general Bonaparte, que todas as pessoas bem-nascidas pensavam estar há tempos enforcado, desceu do monte San Bernardo. Entrou em Milão: esse momento ainda é único na história; imaginem todo um povo loucamente apaixonado. Poucos dias depois, Napoleão ganhou a batalha de Marengo. O resto é inútil contar. A embriaguez dos milaneses chegou ao auge; mas dessa vez estava misturada com ideias de vingança: tinham ensinado o ódio àquele bom povo. Logo se viu chegar o que restava dos patriotas deportados para as Bocche di Cattaro; a volta deles foi celebrada com uma festa nacional. Seus rostos pálidos, seus grandes olhos espantados, seus membros emagrecidos, formavam um estranho contraste com a alegria que explodia em toda parte. A chegada deles foi o sinal de partida para as famílias mais comprometidas. O marquês Del Dongo foi um dos primeiros a fugir para seu castelo de Griante. Os chefes das grandes famílias

1 Pronuncia-se *marquesino*. Nos usos do país, tomados da Alemanha, esse título é dado a todos os filhos de marquês; *contino*, a todos os filhos de conde; *contessina*, a todas as filhas de conde etc. [Esta e as demais notas chamadas por números são do próprio Stendhal.]

estavam cheios de ódio e medo; mas suas mulheres, suas filhas, se lembravam das alegrias da primeira temporada dos franceses, e tinham saudades de Milão e dos bailes tão alegres, que logo depois de Marengo se organizaram na *Casa Tanzi*. Passados poucos dias da vitória, o general francês encarregado de manter a tranquilidade na Lombardia percebeu que todos os colonos dos nobres, todas as velhas do campo, bem longe de ainda sonharem com aquela espantosa vitória de Marengo que mudara o destino da Itália e reconquistara treze praças-fortes num dia, só ocupavam a alma com uma profecia de *são Giovita*, o primeiro padroeiro de Brescia. Segundo essas palavras sagradas, a prosperidade dos franceses e de Napoleão devia cessar treze semanas exatas depois de Marengo. O que desculpava um pouco o marquês Del Dongo e todos os nobres que, emburrados, tinham ido para o campo, é que realmente, e sem qualquer fingimento, acreditavam na profecia. Toda essa gente não tinha lido quatro livros na vida: ocupavam-se abertamente dos preparativos para voltar a Milão ao cabo das treze semanas, mas, à medida que o tempo passava, marcavam-se novos triunfos para a causa da França. De volta a Paris, Napoleão, por meio de sábios decretos, salvava a revolução no interior, como a salvara em Marengo contra os estrangeiros. Então, os lombardos nobres, refugiados em seus castelos, descobriram que, primeiro, tinham entendido mal a previsão do santo padroeiro de Brescia: não se tratava de treze semanas, mas de treze meses. Os treze meses se passaram e a prosperidade da França parecia aumentar dia a dia.

Passemos por alto os dez anos de progresso e felicidade, de 1800 a 1810; Fabrice passou os primeiros anos no castelo de Griante, dando e recebendo muitos socos, no meio dos camponesinhos da aldeia, e não aprendendo nada, nem mesmo a ler. Mais tarde, mandaram-no para o colégio dos jesuítas em Milão. O marquês seu pai exigiu que lhe ensinassem latim, não seguindo esses

velhos autores que sempre falam de repúblicas, mas a partir de um magnífico livro ornamentado com mais de cem gravuras, obra-prima de artistas do século xvii; era a genealogia latina dos Valserra, marqueses Del Dongo, publicada em 1650 por Fabrizio del Dongo, arcebispo de Parma. Como a carreira dos Valserra era militar, as gravuras representavam muitas batalhas e sempre se via um herói com esse nome desferindo fantásticos golpes de espada. O jovem Fabrice gostava muito desse livro. Sua mãe, que o adorava, de vez em quando conseguia autorização para ir vê-lo em Milão; mas, como o marido nunca lhe oferecia dinheiro para essas viagens, era sua cunhada, a amável condessa Pietranera, que lhe emprestava. Depois da volta dos franceses, a condessa se tornara uma das mulheres mais brilhantes da corte do príncipe Eugène, vice-rei da Itália.*

Quando Fabrice fez primeira comunhão, ela conseguiu do marquês, ainda exilado voluntário, autorização para fazê-lo sair algumas vezes do colégio. Achou-o singular, espirituoso, muito sério, mas um menino bonito, e não fazendo muito feio no salão de uma mulher na moda; aliás, extremamente ignorante e mal sabendo escrever. A condessa, que imprimia a qualquer coisa seu temperamento entusiasta, prometeu sua proteção ao chefe do estabelecimento se o sobrinho Fabrice fizesse progressos surpreendentes, e no fim do ano tivesse muitos prêmios. Para lhe dar os meios de merecê-los, mandava-o buscar todo sábado à noite, e volta e meia só o devolvía a seus mestres na quarta ou quinta-feira. Os jesuítas, conquanto carinhosamente afagados pelo príncipe vice-rei, eram rechaçados da Itália pelas leis do reino, e o superior do colégio, homem hábil, sentiu todo o partido que poderia

* Eugène de Beauharnais (1781-1824) era filho de Joséphine de Beauharnais, futura mulher de Napoleão I, que depois o adotou.

tirar de suas relações com uma mulher todo-poderosa na corte. Não pensou em se queixar das ausências de Fabrice, o qual, mais ignorante que nunca, no final do ano conseguiu cinco primeiros prêmios. Por conta disso, a brilhante condessa Pietranera, acompanhada pelo marido, general comandante de uma das divisões da Guarda, e por cinco ou seis dos maiores personagens da corte do vice-rei, foi assistir à distribuição de prêmios nos jesuítas. O superior foi cumprimentado por seus chefes.

A condessa levava o sobrinho a todas essas festas brilhantes que marcaram o reino curto demais do agradável príncipe Eugène. Do sobrinho fizera, só por sua própria autoridade, oficial de hussardos, e Fabrice, com doze anos de idade, portava esse uniforme. Um dia, encantada com sua linda aparência, a condessa pediu ao príncipe um lugar de pajem para ele, o que queria dizer que a família Del Dongo aderiria à situação. No dia seguinte, precisou de todo o seu prestígio para fazer com que o vice-rei não se lembrasse desse pedido, ao qual nada faltava a não ser o consentimento do pai do futuro pajem, e esse consentimento foi recusado com vigor. Em seguida a essa loucura, que fez o marquês amuado estremer, ele encontrou um pretexto para chamar a Griante o jovem Fabrice. A condessa desprezava sobejamente o irmão; olhava-o como a um parvo tristonho, e que seria perverso se um dia tivesse poder para isso. Mas era louca por Fabrice, e depois de dez anos de silêncio escreveu ao marquês para exigir a presença do sobrinho: a carta foi deixada sem resposta.

Ao regressar àquele palácio formidável, construído pelo mais belicoso de seus ancestrais, Fabrice nada sabia do mundo a não ser fazer exercícios e montar a cavalo. Muitas vezes o conde Pietranera, tão louco por esse menino como a mulher, o fazia montar a cavalo e o levava à parada.

Ao chegar ao castelo de Griante, Fabrice, com os olhos ainda muito vermelhos das lágrimas derramadas ao dei-

xar os belos salões da tia, encontrou apenas as carícias apaixonadas da mãe e das irmãs. O marquês estava trancado em seu gabinete, com o filho mais velho, o *marchesino* Ascanio. Ali fabricavam cartas cifradas que tinham a honra de enviar a Viena; pai e filho só apareciam nas horas das refeições. O marquês repetia com afetação que ensinava a seu sucessor natural fazer, em partidas dobradas, a contabilidade dos produtos de cada uma de suas propriedades. Na realidade, o marquês era cioso demais de seu poder para falar dessas coisas a um filho, herdeiro necessário de todas essas terras submetidas ao regime de substituição. Ele o empregava em cifrar despachos de quinze ou vinte páginas que, duas ou três vezes por semana, transmitia à Suíça, de onde eram encaminhados a Viena. O marquês pretendia comunicar a seus soberanos legítimos o estado interno do reino da Itália, que ele mesmo não conhecia, e no entanto suas cartas tinham muito sucesso. Eis como. O marquês mandava algum agente de confiança contar na estrada real o número de soldados de tal regimento francês ou italiano que mudava de guarnição e, prestando contas desse fato à corte de Viena, tomava o cuidado de diminuir de uma boa quarta parte o número dos soldados presentes. Essas cartas, aliás ridículas, tinham o mérito de desmentir outras mais verídicas, e agradavam. Assim, pouco antes da chegada de Fabrice ao castelo, o marquês recebera a medalha de uma ordem renomada: era a quinta que ornava sua casaca de camarista. Na verdade, tinha a tristeza de não se atrever a arvorar aquela casaca fora de seu gabinete; mas nunca se permitia ditar um despacho sem ter vestido o traje bordado, guarnecido de todas as suas ordens. Pensava faltar ao respeito se agisse de outro modo.

A marquesa ficou maravilhada com os encantos do filho. Mas ela conservara o hábito de escrever duas ou três vezes por ano ao general conde d'A***: era o nome atual do tenente Robert. A marquesa tinha horror de

mentir às pessoas de quem gostava; interrogou seu filho e ficou apavorada com a ignorância dele.

“Se ele me parece pouco instruído”, ela pensava, “a mim, que não sei nada, Robert, que é tão culto, acharia a educação dele absolutamente falha; ora, atualmente é preciso ter mérito.” Outra peculiaridade que a espantou quase tanto como essa foi que Fabrice levava a sério todas as coisas religiosas que lhe tinham ensinado os jesuítas. Se bem que ela mesma fosse muito devota, o fanatismo daquele menino a fez estremecer. “Se o marquês tiver inteligência suficiente para adivinhar esse meio de influência, vai me roubar o amor de meu filho.” Chorou muito e sua paixão por Fabrice aumentou.

A vida naquele castelo, povoado por trinta ou quarenta domésticos, era muito triste; assim, Fabrice passava os dias inteiros na caça ou a percorrer o lago num barco. Logo ficou estreitamente ligado aos cocheiros e aos moços das estrebarias; todos eram loucamente partidários dos franceses e debochavam abertamente dos criados de quarto, dedicados, afeiçoados à pessoa do marquês ou à de seu filho mais velho. O grande mote das pilhérias contra esses personagens sisudos era que eles usavam pó, a exemplo dos patrões.